

RITUAIS DE TRANSFORMAÇÃO

Quem é



Teresa Pavão

A loja de autor, cujo nome, TP, são as suas iniciais, é o seu mais recente projecto. Funciona numa padaria antiga, perto da Sé de Lisboa. Pesou na escolha deste lugar o facto de o antigo depósito de pão manter ainda a velha traça, os balcões de mármore e toda "a riqueza dos brancos, dos begos e dos rosados das pedras" e que Teresa Segurado Pavão perpetua no barro branco com que faz os seus objectos. Trata-se da concretização de um velho sonho que sobreviveu a uma carreira com mais de 20 anos, através dos quais tem vindo a dar a conhecer ao público o seu trabalho. Dele fazem parte uma série de exposições colectivas e individuais, como é o caso de *Tramas e Sortilégios*, no Museu Nacional do Traje. Tudo o que é *Sólido se Dissolve no Ar e Tempo de Espera*, no Museu Botânico de Lisboa e no Palácio das Artes, em Tavira.

TP | R. S. João da Praça, 120
Lisboa | T. 21 887 27 43

os objectos, usando uma cenografia própria para seduzir as pessoas, como uma instalação. Este projecto reúne uma série de actividades que eu já tinha feito antes, desde a produção à exposição, até ao contacto com o público.

Até chegar aqui, fez um longo caminho. As cerâmicas são a sua primeira manifestação artística ou foi a tapeçaria?

São as duas coisas juntas. Fiz os dois cursos, primeiro de cerâmica, depois de têxteis. Sempre gostei muito de misturar materiais e de usar técnicas diferentes. Quando aprendemos tapeçaria contemporânea percebemos que se trata da arte de misturar, de ligar, de fazer associações. Os objectos associados não formam um somatório mas fundem-se, dão origem a entidades diferentes. Gosto muito de fazer "casamentos" entre os materiais.

Cada peça tem uma história?

Sim, são peças únicas e todas têm uma história. São tratadas como uma individualidade para que, quando saíam daqui, possam sobreviver sozinhas. Remetem-nos para formas que estão ligadas ao quotidiano, o que tem a ver com o culto que eu tenho pela casa, pela interioridade, pelos rituais. E estes tornam-nos a vida mais suportável. Se fizermos tudo a despachar, com a intenção de acabar depressa, perdemos o gosto de criar, de executar, que é a parte que mais gosto. Enquanto criamos, estamos absorvidos e entusiasmados, à medida que vamos estabelecendo uma relação de inteligência, através da criativi-

dade, com o que estamos a fazer. Quando terminamos um projecto, é preciso começar outros. Do que eu mais gosto é da caminhada em si.

Planeia o que vai fazer, ou limita-se a deixar acontecer?

Sucede das duas maneiras. Geralmente tenho projectos concretos. Outras vezes, eles transformam-se a meio do processo. Quando se passa por várias etapas, as coisas vão-se transformando noutras não programadas. Tenho aquilo a que se chama "deformação profissional". Gosto de misturar, de amassar, de tecer, de ter contacto com os materiais, o que não acontece com a joalharia, por exemplo, porque temos que usar muitos instrumentos que se interpõem entre nós e o material.

Dessa mistura surgem novos objectos. Fazer renascer é um prazer?

Sempre. A mistura funde e cria novas relações entre objectos e materiais. E estes novos objectos, que resultam de várias influências e de várias culturas, ligam vários conceitos e várias formas. É o princípio e a simbologia da fertilidade. Aqui, a ideia de recuperação é essencial. Dignifica os objectos. Gosto do vestígio, dos desperdícios que ligam à morte e ao renascimento. As peças que chegam aqui já têm história, já sofreram a acção do tempo. Chegam-me de outros contextos e ganham uma vida nova num outro lugar. É o tempo que transforma, uma ideia de que gosto muito. ✕

ana.castro@xis.publico.pt



"A TP é um atelier aberto, mas tem uma diferenciação dos espaços. De um lado está o atelier onde trabalho. É aí que os objectos são criados e onde só entram algumas pessoas. Depois, cá fora, exponho os objectos."